

Paradigma da Dominação

BASE PARA CONVERSAS QUE CONECTAM



na base
da conversa

PARADIGMA É UM CONJUNTO DE CRENÇAS QUE SE ALIMENTAM MUTUAMENTE, FORMANDO UMA VISÃO DE MUNDO.

Há mais de 8 mil anos, viemos formatando um paradigma (um conjunto de crenças) para nos organizarmos em nossos sistemas. Quanto mais as comunidades aumentavam, mais se percebia a necessidade de ordem, equidade e evolução. A estratégia para conquistar essas necessidades passou a ser a estrutura da dominação: o uso da força ou autoridade para que houvesse obediência e, portanto, colaboração.

As crenças de que esse tipo de sistema funciona, baseadas em fatos de sucesso imediato, foram sendo somadas até completarem o que hoje vivemos na maioria de nossos sistemas sociais: o paradigma da dominação.

De acordo com Walter Wink, teólogo e historiador que foi grande influência para Marshall no desenvolvimento da CNV, continuamos a nos contar, enquanto sociedade, a história do Mito da Violência Redentora, que nasceu em 1250 a.C. e segundo o qual:

- nós somos divididos entre forças do bem e do mal; e
- a boa vida é aquela em que as forças do bem exterminam as forças do mal.

É fácil notar a presença do paradigma da dominação quando observamos nosso sistema político, educacional ou até mesmo familiar. Há constantemente a presença dos seguintes aspectos:

Dualidade

Não há como existir um senso de obediência sem a distinção do que é bom ou ruim, certo ou errado. É uma crença fundamental deste paradigma a de que a separação do que se deve ou não fazer tem que estar clara. Por isso, o surgimento de regras, leis e mandamentos se tornam essenciais.

Separação

É da dualidade que nasce a separação: se há a distinção clara do certo ou errado, fazem-se claros também os que estão certos e os que estão errados. Se o meu ponto de vista está correto, qualquer ponto de vista que seja diferente do meu está errado.

Escassez

Na certeza de que somente existe uma resposta correta, estabelece-se uma relação com a escassez de resultados. Sempre há um lado vencedor e outro perdedor. Não há como ter mais de um lado correto, por isso, o espectro de opções diminui e os caminhos ficam escassos.

Conflito de poder

Seguindo a mesma lógica, os conflitos de poder começam a acontecer. Pessoas “certas” precisam de espaço para difundir e comandar.

Poder sobre (autoridade)

Ter autoridade, então, torna-se um dos maiores objetivos humanos. No mesmo jogo, a submissão aparece como um papel a ser ocupado, só havendo a possibilidade de se obter ordem através do poder sobre os outros.

Único caminho

Essa construção faz com que a lógica do pensamento esteja sempre a buscar uma única resposta, um único caminho correto, fechando o olhar para saídas criativas.

Falta da possibilidade de escolhas

Em um sistema autoritário e dominativo, a escolha passa a ser mandar ou obedecer, afinal, caso eu não esteja correto, devo ser punido.

Violência invisível

A partir daí, nascem o medo, a culpa e a vergonha, educando-nos para seguir obedecendo. A violência se torna invisível, pois passa a acontecer no discurso interno aprendido, antes mesmo de qualquer manifestação visivelmente violenta.

Para que você possa visualizar melhor esse paradigma, pense em algo que você gostaria de ter feito de maneira diferente nesses últimos dias.

Como você se educou nessa situação?

Jane lembrou de um momento em que respondeu ao marido de maneira muito rude e logo disse a si mesma: “eu não deveria ter dito isso dessa forma”, “como sou uma esposa ruim”, “desse jeito vou ficar só”.

A forma como Jane se educou mostra em detalhes a herança do paradigma da dominação: a autopunição aparece de imediato com a definição do que é certo ou errado; a culpa e a vergonha tomam-na por inteiro e o aprendizado vem a partir desse sofrimento.



A linguagem do paradigma da dominação

Para sustentar esse paradigma, desenvolvemos enquanto sociedade um sistema de linguagem. Assim, utilizamos palavras para nos ajudar a distinguir o certo do errado e conseguir seguir o caminho da obediência. Essa linguagem toma como base os julgamentos, os rótulos e as definições estáticas que Luci Lou simplifica de maneira didática em 4 pontos (*The Four D's of Disconnection: Diagnosis, Demand, Deserve, Denial of Responsibility*).

Diagnósticos – rótulos, julgamentos e interpretações

Você é tão imprudente!

Demandas (exigências) – o outro “tem que”, implicando ameaça de punição

Se você não me ouvir agora, eu não falo mais!

Merecimento – o errado merece ser punido e o certo, recompensado.

Eu mereço ser ouvido! Você não merece meu respeito!

Negação de responsabilidade – pensamento de que não houve escolha.

Eu tive que sentar lá e esperar pelo médico que sempre atrasa.

Em mais um exemplo:

Jane pensa que, ao gritar com o marido, isso faz dela uma esposa ruim.

A linguagem estática a define como ruim e, automaticamente, direciona-a para o sistema de punição.



A esse padrão de linguagem, Marshall apelidou de linguagem “Chacal”, sem referência à realidade do animal, lembrando-nos apenas de que a visão do paradigma da dominação pode ser curta e imediatista: é a linguagem desconectada da vida.

“PRESTE ATENÇÃO EM SEUS PADRÕES. A FORMA COMO VOCÊ APRENDEU A SOBREVIVER TALVEZ NÃO SEJA A FORMA QUE VOCÊ QUER VIVER.”

DRA. THEMA BRYANT-DAVIS